

Foi nessa época de sua vida que ele teve a sua mais extraordinária experiência psíquica; um vívido sonho profético. Sonhou que viu seu irmão Henry, como um cadáver, repousando num esquite de metal; vestindo um dos seus próprios ternos [dele, Twain] e tendo um ramo de flores sobre o peito, com uma rosa vermelha no centro. O caixão havia sido colocado sobre duas cadeiras.

Ao despertar, ainda inconsciente de sua situação, declara Twain em sua autobiografia, “vesti-me e caminhei em direção à porta, pensando que iria entrar ali e olhar para aquilo, mas mudei de idéia porque pensei que não poderia suportar encontrar-me com minha mãe... A casa ficava em *Locust Street* [Rua da Cigarra], um pouco acima da Décima Terceira [avenida] e eu caminhei até a Décima Quarta e até além do meio do quarteirão quando, subitamente, como um relâmpago, percebi que não havia nada real sobre isto — era apenas um sonho...”

Em época anterior àquele sonho, Twain arranjava um lugar, no *Pennsylvania*, para seu irmão Henry, que, geralmente, quando já concluíra seus próprios deveres, juntava-se a Twain nas vigias noturnas. Desta vez, porém, Twain tivera que permanecer em terra, tendo ficado em New Orleans. Ele avisara Henry que, no caso de um desastre, ele não deveria perder a cabeça; “deixe isso para a insensatez dos passageiros”, e havia insistido que, depois de ver as mulheres e as crianças em segurança, nos botes salva-vidas, Henry nadasse para a margem sozinho, uma vez que o rio tinha somente uns mil e seiscentos metros de largura.

Dois ou três dias mais tarde, as caldeiras do barco explodiram. A estória desta tragédia é contada no livro de Mark Twain, *Life on the Mississippi* [A Vida no Mississípi]. Twain alcançou a cidade de Memphis logo depois do desastre e encontrou seu irmão já próximo da morte, deitado com o resto dos feridos. Um médico inexperiente dera, a Henry, uma dose exagerada de morfina. Os esquifes, que então foram providenciados para os mortos, eram de pinho branco e sem pintura, mas algumas senhoras de Memphis coletaram sessenta dólares e compraram um caixão de metal para Henry. Quando Twain entrou na sala, encontrou o irmão deitado no esquite aberto, vestido com um dos seus ternos. Imediatamente, lembrou-se do sonho; exatamente nesse momento, uma senhora idosa trouxe um pequeno ramo de rosas brancas com uma rosa vermelha no centro e colocou-o sobre o peito de Henry.

Twain

Twain menciona mais um incidente relacionado com o sonho. Quando vários homens levaram o esquite para a casa do seu cunhado, em St. Louis, e estavam levando sua carga escada acima, ele os deteve porque não queria que sua mãe visse o rosto de Henry; um dos lados fora contorcido pelos efeitos da droga. Quando Twain subiu para o andar superior, lá estavam as duas cadeiras que vira em seu sonho. Tivesse ele chegado dois ou três minutos mais tarde, o caixão teria repousado sobre aquelas cadeiras, exatamente como em seu sonho. Assim, ao fazer parar os homens, Twain mudara os detalhes proféticos do sonho.

Como resultado de tais experiências psíquicas, Mark Twain desenvolveu um sólido interesse pelo paranormal. Seu amigo e biógrafo, Albert Bigelow Paine, observou: “Ele tinha um interesse sincero, principalmente pela transferência de pensamentos — um interesse despertado e mantido sempre vivo por certos fenômenos — manifestações psíquicas, como nós os chamamos agora. Em sua união com a Sra. Clemens [esposa de Twain] não era raro acontecer de um falar o que estava no pensamento do outro ou, talvez uma carta para um amigo, adiada por longo tempo, podia trazer uma resposta tão depressa como se tivesse sido postada; mas estas são coisas familiares para nós.” O fenômeno de “cartas cruzando-se” ocorreu com repetida insistência e esse foi um tema ao qual Mark Twain dedicou considerável atenção. Ele escreveu:

“Nós estamos sempre falando sobre cartas ‘cruzando-se’ uma com a outra, porque este é um dos acidentes mais comuns desta vida. Chamamos isso de ‘acidente’ mas talvez tenhamos escolhido um nome errado. Uma dúzia de vezes por ano nós temos a impressão que a carta que estamos escrevendo vai ‘cruzar’ com a da outra pessoa; e se o leitor vasculhar um pouco a sua memória, recordará o fato de que este pressentimento teve força suficiente para fazê-lo encurtar sua carta, resumindo-a o mais possível, porque seria uma perda de tempo escrever uma epístola que ia ‘cruzar’ e que, por isso mesmo, perderia sua utilidade. Nas minhas próprias experiências, acho que esta impressão geralmente me veio nos casos em que havia postergado minha carta por um bom tempo, na esperança de que a outra pessoa escrevesse.

“... Quando eu me sento para escrever uma carta, sob a coação de um forte impulso, considero que a outra pessoa